



O ÚLTIMO FERRABRAS HOLLYWOODIANO

INCANSÁVEL NA PRAIA DA PANCADA, O INGLÊS JASON STATHAM VOLTA ÀS TELAS COM **'CÓDIGO: VINGANÇA'** PARA SALVAR O CINEMA DE AÇÃO DO PATRULHAMENTO DA **CORREÇÃO POLÍTICA.** PÁGINA 2



Jason Statham simboliza aquele herói capaz de transitar pelo submundo e que não se dá ao luxo de agir dentro das convenções

O astro da pancadaria

‘Código: Vingança’ reafirma o inglês Jason Statham como o último dos grandes atores de filmes de porrada ainda tratado pelos grandes estúdios como protagonista de primeira linha

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Aos 59 anos, Jason Statham parece ter assumido uma função que Hollywood já não distribui com a fartura dos tempos de Sylvester Stallone, Arnold Schwarzenegger, Jean-Claude Van Damme e Bruce Willis: ser um astro capaz de carregar um filme de ação nas costas sem precisar vestir capa, integrar um universo de super-heróis ou abandonar a pancadaria para legitimar-se no drama. A chegada de “Código: Vingança” (“Mutiny”) ao circuito brasileiro nesta quinta-feira (10) reafirma o astro inglês como o último dos grandes ferrabrases da porrada ainda tratado pelos estúdios como protagonista de primeira linha.

Há qualquer coisa de Stallone nessa resistência, embora a linhagem

cinematográfica de Statham pareça ainda mais próxima da aspereza de Charles Bronson — mesmo sem um bigodón para aproximá-lo do astro de “Desejo de Matar” (1974). Sua persona nasceu do encontro com Guy Ritchie em “Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes” (1998), ganhou musculatura com “Snatch – Porcos e Diamantes” (2000) e encontrou sua forma definitiva quando Luc Besson o transformou no motorista Frank Martin de “Carga Explosiva” (2002).

Dali em diante, Statham fez da repetição uma assinatura. “Adrenalina” (2006), “Carga Explosiva”, “Os Mercenários”, “Veloze & Furiosos”, “Infiltrado” e “Resgate Implacável” variam o endereço, a profissão e o tamanho da conspiração, mas preservam um mesmo princípio: poucas palavras, uma relação artesanal com a violência coreografada e a certeza de que, cedo ou tarde, aquele corpo talhado a muitas cicatrizes será chamado a resolver fisicamente

aquilo que o mundo ao redor não consegue solucionar.

“Existem muitos cineastas com verve autoral com quem eu gostaria de trabalhar, mas, por vezes, na indústria, somos vistos a partir de certos prismas, ainda que, no prisma que estou, eu tente humanizar os personagens, explorando a solidão que existe neles”, disse Statham ao Correio da Manhã, numa conversa realizada na época de “Infiltrado”. “Há um código de honra que cerca alguns heróis”, sobretudo quando transitam pelo submundo e não têm “o luxo” de agir dentro das convenções.

A prova de que esse tipo não interessa apenas aos órfãos do “Domingo Maior” está no dinheiro. “Megatubarão 2” (“The Meg”) arrecadou US\$ 529,3 milhões em 2018, dos quais US\$ 383,8 milhões vieram de fora dos Estados Unidos e Canadá. O Brasil respondeu por US\$ 7,6 milhões, enquanto a China despejou US\$ 153 milhões nos

cofres do longa.

Cinco anos depois, “Megatubarão 2” (“Meg 2: The Trench”) confirmou que o inglês havia se transformado numa mercadoria especialmente internacional: foram US\$ 398,5 milhões no planeta, com US\$ 315,9 milhões — 79,3% da receita — obtidos fora do mercado doméstico. A China novamente foi decisiva, com US\$ 118,7 milhões, e o Brasil respondeu por US\$ 5,1 milhões. Somados, os dois tubarões devoraram cerca de US\$ 927,8 milhões em ingressos.

É significativo que “Megatubarão 2” tenha chegado a quase US\$ 400 milhões mesmo com uma arrecadação americana de apenas US\$ 82,6 milhões. Statham pertence hoje à reduzida categoria de astros cuja imagem de ação é imediatamente exportável: 72,5% da receita do primeiro “Meg” veio do exterior; na continuação, essa fatia subiu para 79,3%.

No Brasil, parte dessa iden-

tidade tem uma voz: Armando Tiraboschi. Dublador habitual de Statham e tratado por ele como um “gênio da voz”, Tiraboschi ajudou a abrigar o inglês para uma geração criada diante da televisão, fazendo de sua secra verbal uma extensão sonora da pancadaria. É uma associação tão consolidada que a voz de Tiraboschi se tornou, para parte do público brasileiro, quase tão reconhecível quanto a careca, o cenho cerrado e a movimentação física do ator.

Essa figuração encontrou em David Ayer um novo combustível. “Beekeeper: Rede de Vingança” custou cerca de US\$ 40 milhões e arrecadou US\$ 162 milhões, reafirmando a possibilidade comercial de um espetáculo de ação de orçamento intermediário comandado por Statham. A parceria prosseguiu em “Resgate Implacável”, reforçando a posição do ator num território que Vin Diesel amarrou à máquina de “Veloze & Furiosos” e Dwayne Johnson começou a trocar por experiências dramáticas.

“Código: Vingança” coloca agora esse corpo sob a regência de Jean-François Richet, artesão francês que fez de “Mesrine” um fenômeno de público em seu país, refilmou John Carpenter em “Assalto à 13ª DP” (2005) e levou Mel Gibson a Cannes com “Herança de Sangue” (2016). Richet não entende ação como um gênero menor que necessite pedir desculpas por sua natureza. “Eu nunca me pergunto se filmar ação é fácil ou não. Só tento desenvolver temas que me interessam, sem pensar em rotulações”, disse Richet ao Correio da Manhã.

Admirador de Sergio Leone e da saga de Rocky Balboa, o realizador já explicava ao jornal que prefere personagens instalados em zonas cinzentas e figuras capazes de arriscar a própria vida pelos outros, recusando divisões estanques entre herói e anti-herói.

É exatamente aí que Richet e Statham se encontram. Em “Código: Vingança”, o astro vive Cole Reed, ex-policial e militar que trabalha em Bangkok como segurança de um magnata do transporte marítimo. Quando seu patrão é assassinado e ele próprio acaba incriminado, Reed mergulha numa conspiração que o leva até um cargueiro, oferecendo a Richet matéria-prima para trabalhar perseguições, espaços confinados e aquilo que o francês conhece particularmente bem: corpos em colisão.

“Gosto das figuras que arriscam suas vidas, por opção, para ajudar os demais”, disse Richet ao Correio. A frase serve quase como definição retrospectiva da filmografia de Statham. Seus personagens podem ser motoristas, agentes secretos, mercenários, operários, apicultores ou mergulhadores enfrentando tubarões pré-históricos; por baixo das profissões, permanece o mesmo homem solitário convocado a agir quando as instituições falham. É um herói nato.

Os holofotes da hora voltam-se para Toronto

O Canadá empresta uma de suas maiores cidades ao cinema, fazendo do TIFF um veio para o Oscar, com o drama mineiro 'Vicentina Pede Desculpas' entre suas descobertas



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Para a alegria de uma significativa concentração de votantes da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, o festival que aproxima produções estrangeiras do colegiado do Oscar vai abrir suas portas nesta quinta, num pedaço da América do Norte nem sempre tratado com a devida atenção pelo circuito exibidor: o Canadá. É lá que rola o TIFF, sigla para o Festival Internacional de Cinema de Toronto, que chega à sua 51ª edição com presença brasileira já numa de suas vitrines mais nobres.

A abertura da edição ficará a cargo de "Being Heumann", de Sian Heder, enquanto "Villeneuve: The Rise of a Legend", de Yan Lanouette Turgeon, encerra a maratona. "Vicentina Pede Desculpas", novo longa de Gabriel Martins, de "Marte Um" (2022), terá première internacional na competitiva Plataforma, destinada a filmes de forte assinatura autoral.

Estrelado por Rejane Faria, o drama mineiro acompanha uma professora aposentada de 75 anos que procura as famílias das vítimas de um acidente de ônibus provocado pelo filho, morto na tragédia, depois que surgem suspeitas de que ele teria derrubado intencionalmente o veículo de um viaduto. De 18 a 26 deste mês, Gabito (apelido de Gabriel) vai levar Vicentina para a competição oficial de San Sebastián, na Espanha.

A presença brasileira em Toronto se espalha ainda por co-produções. "Glaxo", do argentino Benjamín Naishtat, aparece entre as Special Presentations, enquanto "Furies", do libanês Rami Kodeih, integra a Centrepiece. A RT Featu-



Divulgação



Divulgação

'Vicentina Pede Desculpas' faz o circuito Minas x TIFF x San Sebastián, antes de competir no Festival do Rio

'Being Heumann' (aqui chamado A Arte De Ser Heumann) abre o evento canadense

res, produtora de Rodrigo Teixeira, está em ambas.

Até o dia 20 de setembro, Toronto transforma-se mais uma vez numa espécie de Bolsa de Valores do cinema mundial. Fundado em 1976, o TIFF construiu uma posição estratégica que o distingue de Cannes, Berlim e Veneza: a temperatura dos filmes não é medida apenas por júris, mas também pelo público, pelos distribuidores, pela imprensa internacional e por uma indústria que já entra no outono do Hemisfério Norte com os olhos postos na temporada de prêmios. Em 2026, essa musculatura cresce com a estreia formal de um mercado audiovisual próprio no Metro Toronto Convention Centre.

A Plataforma, onde Gabito está, ganhou relevância adicional este ano. Filmes em língua não inglesa que vencerem a seção passam a ter uma via de qualificação para o Oscar de Melhor Filme Internacional independentemente da escolha oficial do país de origem. Toronto exerce ainda uma função de estação de conexão da cinefilia, reunindo alguns dos títulos que saíram fortalecidos dos maiores festivais do ano. De Cannes vêm produções como "Fjord", de Cristian Mungiu, e "A Bola Preta", de Javier Calvo e Javier Ambrossi (que vai abrir o Festival do Rio 2026, no próximo dia 1º). Veneza entrega ao Canadá nomes como Lee Chang-dong, com "Possible Love", Hirokazu Kore-eda,

com "Look Back", e Florian Zeller, com "Bunker". Chang-dong, um dos favoritos ao Leão de Ouro (que será entregue neste sábado), passa pelo TIFF ainda no rol de homenageados, ao lado de Penélope Cruz.

Entre os inéditos mais cobiçados está "I Play Rocky", de Peter Farrelly, vencedor do Oscar por "Green Book". O filme reconstrói a batalha de um Sylvester Stallone ainda pobre e praticamente desconhecido para transformar o roteiro de "Rocky" num longa sem abrir mão de viver o protagonista. Anthony Ippolito encarna Stallone, enquanto Stephan James assume o papel de Carl Weathers, o Apollo Creed. Farrelly converte os bastidores de um clássico numa nova narrativa de

azarão, agora situada no coração da própria indústria.

Outra aposta capaz de fazer barulho é "Bad Lieutenant: Tokyo", apropriação japonesa da figura do policial moralmente falido eternizada por Abel Ferrara e reinventada depois por Werner Herzog. Takashi Miike transporta esse imaginário para Tóquio e escala Shun Oguri como um agente viciado em jogo que cruza o caminho de uma integrante do FBI vivida por Lily James. A mistura entre a linhagem suja do policial americano e o gosto de Miike pelos extremos transforma o projeto num dos encontros mais imprevisíveis da programação.

Helen Mirren é outro chamariz de Toronto, transformada em Patricia Highsmith em "A Talent for Murder", de Anton Corbijn, realizador de "Control". Inspirado na peça "Switzerland", de Joanna Murray-Smith, o filme imagina a visita de um jovem agente literário à autora de "O Talento de Ripley", numa tentativa de convencê-la a escrever uma última aventura de seu anti-herói mais célebre. Alden Ehrenreich, Olivia Cooke e Juliet Stevenson completam o elenco. A premissa promete fazer do universo de Highsmith matéria para um jogo entre criação e pulsão criminal. A atuação de Helen é uma promessa de excelência.

Aos 77 anos, Wayne Wang regressa à literatura japonesa com "Diary of a Mad Old Man", adaptação do romance de Jun'ichiro Tanizaki publicado em 1961. O diretor de "O Clube da Felicidade e da Sorte" volta-se agora para uma narrativa sobre desejo, envelhecimento e obsessão.

Sátira sobre o racismo

Chris Rock volta à realização com "Misty Green", sátira sobre racismo institucional, ambição e sobrevivência em Hollywood. Rosalind Eleazar vive uma atriz disposta a medidas extremas para manter a carreira de pé e preservar a vida do irmão, num elenco que reúne Daniel Kaluuya, Adam Driver e Anna Kendrick.

O sul-coreano Hur Jin-ho surge com "The Assassin(s)", produção apresentada em Gala e outra das apostas inéditas que reforçam a musculatura asiática do TIFF. Conhecido por uma filmografia marcada pela contenção emocional e pela precisão dos relacionamentos, o diretor muda de escala ao aproximar-se de um universo criminal, sem abandonar o interesse por personagens que carregam culpas, memórias e afetos difíceis de resolver.

O sumido John Madden ("Shakespeare Apaixonado" e "O Exótico Hotel Marigold") reaparece com "Onwards and Sideways". O longa chama atenção pelo regresso de um cineasta associado a narrativas de forte apelo popular e acabamento clássico. Em Toronto, essa combinação costuma valer ouro: filmes de perfil acessível frequentemente encontram ali o impulso necessário para ganhar musculatura comercial.

ARTIGO

IVAN PIENTZENAUER

Advogado, mestre pela UERJ, especialista em Direito Constitucional.

A expressão do olhar, dentro e fora da tela

Na infância, sempre fui atraído pelo fantástico. Amava a ideia do sobrenatural, da ficção científica e do maravilhoso. Por isso, quando assisti àquele show da konga no parque de diversões, eu fiquei assombrado. Eu acreditei na transformação física da mulher em animal e corri apavorado, sem olhar para trás, quando a fera se soltou. Eu admiti que presenciava algo assombroso. Ali estava a possibilidade de o imaterial tornar-se real.

Não à toa me apaixonei pelo cinema. Era naquelas imagens projetadas que minha imaginação mergulhava para aceitar a sucessão de acontecimentos refletidos na tela. Realmente o cinema é uma experiência sensorial individual e coletiva.

Do ponto de vista individual, eu, enfeitado, acompanhava quadro a quadro e me fascinava por cada encanto que a ideia projetada me trazia. Não era crítico o suficiente para raciocinar que a minha imaginação era refém de uma outra imaginação. Também não queria refletir que regras se manifestavam na conhecida teoria clássica do cinema estadunidense. Nada disso me importava. Por quê?

A resposta é simples: eu não queria quebrar o fascínio formado entre mim e os acontecimentos na sala escura. Ali, mesmo acompanhado, estava imerso em mim, e podia compreender as fantasias a ponto de confiar em cada narrativa. Mesmo que o filme fosse cheio de falhas técnicas graves, não me importava. Se eu gostasse, comprava a narrativa como perfeita e não aceitava críticas.

A questão é: eu queria acreditar. Eu amava estar inundado pelo sobrenatural e pelos mundos que se desdobravam bem diante dos meus olhos. Minha imaginação, é claro, criava desdobramentos. Passava tempo arquitetando sonhos incríveis que invadiam a minha realidade enquanto eu acompanhava o dia a dia da minha vida.

Até no amor, eu me espelhava nas relações heteronormativas que se desdobravam nas telas para imaginar, depois, meus romances. Naquela época eu aceitava as regras hollywoodianas sem discutir. Porém fazia questão de romper essas regras quando reproduzia os ideais que me eram apresentados nas sessões.

Eu fui crescendo e minha percepção se alterou completamente, mas nunca deixei de querer acreditar e de me fascinar pelas películas. No entanto, já reconhecia



Divulgação

Gillian Anderson, a Scully de 'Arquivo X', em 'Acampamento Miasma', longa ganhador do Prix Un Certain Regard de Cannes

de forma clara a imaginação alheia e, por isso, em cada época tinha meus ídolos (curiosamente, na sua maioria, estadunidenses). Nas décadas anteriores a 1960 amava Hitchcock, Mario Bava e Val Lewton; na década de 1970 Costa Gavras, John Carpenter, Dario Argento e Stanley Kubrik; na década de 1980 além dos anteriores que ainda produziam, amava Stephen King (no cinema), George Romero (mergulhei no filmes dele na década de 1980), Lucio Fulci, Clive Barker, Sam Raimi, David Cronenberg; já nos anos 1990, Wes Craven e Shyamalan, e, ainda nesta década, descobri a explosão de filmes gays que traziam uma nova perspectiva das relações de pessoas do mesmo sexo: sem mortes, sem infelicidade ou solidão, nós realizávamos nossos filmes (importa mencionar O Banquete de Casamento e o memorável Amor e Restos Humanos).

Já no novo milênio meus diretores preferidos são: nos anos 2000: Jaume Balagueró; nos 2010: Marco Berger. Porém, é nos anos 2020 que o amor pelo terror começa a tomar outra feição, mas não pretendo desenvolver essa ideia aqui este texto.

Quando percebi a imaginação do outro me guiando, entendi que as regras da indústria do entretenimento refletiam na cultura cinematográfica estadunidense. Só então pude dissociar minha liberdade de interpretação dessa armadilha imposta.

A partir de então, compreendi que o mais importante é aprofundar o olhar do outro. É verdade que o olhar do outro me domina e me subjuga e eu posso

até transformar a imaginação, mas sempre envolvido na visão do outro.

Por esse motivo, o filme Acampamento Miasma: Adolescência, Sexo e Morte (Denominado em seguida apenas como Acampamento Miasma) me chamou tanta atenção. Um filme estadunidense de 2026 que, a partir do olhar de uma protagonista, testemunhado por uma criança que tem seus desejos moldados por esse olhar, cria um impacto na realidade a partir da interpretação dessa criança que será uma mulher adulta apta a realizar uma releitura do olhar impactante.

A premissa do filme é a reinvenção da obra original Acampamento Miasma sob a ótica queer. Vale lembrar que o filme foi vencedor do Queer Palm no Festival de Cannes de 2026.

E, ao idealizar a releitura do filme de terror, a menina, agora mulher, compreende como o filme eivado de misoginia, machismo e discurso de ódio permitiu que ela criasse, através da troca do olhar da tela com sua interpretação, não só sua realidade, mas as bases de uma releitura do filme.

É a partir desse ponto que a realidade ocupa o filme de forma a trazer o nosso tempo para a película, enquanto a mesma realidade absorve os elementos do filme.

Há no filme um movimento pendular onde a realidade retratada no momento preparatório da nova versão do filme de terror, mergulha na mitologia do longa metragem para refletir o olhar da protagonista na realidade. Ao mesmo tempo, a protagonista, já mais velha

participará como 'final girl' da releitura da obra impondo a realidade para a película. Assim, passamos todo o tempo de projeção oscilando entre a preparação para a refilmagem com a mitologia do filme intercalando a realidade e a não realidade de forma a não discernimos mais quando estamos testemunhando um ou outro mundo.

Não seria possível realizar essa obra sem uma visão que desgasta a narrativa clássica trazendo à tona a narrativa moderna.

Mas é imprescindível afirmar que o filme Acampamento Miasma tem muitas camadas e eu não pretendo aprofundar todas aqui.

Há o assassino queer, toda a lenda que envolve o sobrenatural, há imagens insólitas e a equipe responsável pela filmagem da nova versão, pode, de repente, ser personagem na releitura de Acampamento Miasma. Todos esses eventos são importantes, mas decidi não comentar nada mais aqui além do olhar.

Dentro do meu entendimento, busco apontar essa troca de olhares: o olhar expressivo na tela e o olhar que testemunha o momento da protagonista, mas fora da tela.

Essa troca me impressionou. No filme, o olhar mágico ocorreu quando a protagonista era abusada sexualmente durante as filmagens. Em razão disso a câmera registrou apenas a reação no olhar da vítima. Consequentemente, a espectadora admira o olhar, sem ter ideia dos acontecimentos, mas, em sua vida adulta, passa a ser atraída pela violência sexual.

Flávia Canavarro/Divulgação



Othon Bastos, aos 93 anos, se aventura em seu primeiro monólogo rememorando sete décadas de uma carreira consagrada no ofício de atuar

Othon Bastos volta a encantar o público

Premiado monólogo 'Não Me Entrego, Não!' inicia temporada popular em espaços da rede Funarj com ingressos a R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Um dos maiores acontecimentos teatrais de 2024 e do ano passado, o premiado monólogo "Não me entrego, não!", com Othon Bastos, inicia temporada popular em teatros da rede da Funarj com ingressos a R\$ 20. Serão três espetáculos no Méier e dois em Gampo Grande.

Aos 93 anos, o veterano ator revisita episódios de uma carreira que atravessa mais de sete décadas no teatro, no cinema e na televisão em espetáculo com dramaturgia e direção de Flávio Marinho. A temporada integra o Giro Cultural da Funarj e começa de sexta e domingo (11 a 13) no Imperator e segue para o Teatro Arthur Azevedo, em Campo Grande, nos dias 18 e 19.

Desde sua estreia, "Não Me Entrego Não" soma mais de 250 apre-

sentações e público superior a 100 mil pessoas em cidades de diferentes regiões do país.

Marinho construiu o texto a partir de escritos que Bastos lhe confiou, resultado de uma amizade de décadas. A peça organiza recordações por temas, como trabalho, amor, teatro, cinema e política, em vez de seguir uma cronologia estrita. A dramaturgia usa referências e citações de autores que marcaram a formação do ator. Em atuação memorável, Othon faz de sua biografia sem fazer dela uma simples sucessão de datas e títulos.

"É com o maior orgulho e alegria que eu vejo o sucesso nacional da peça. Mais de dois anos em cartaz contando a história de vida de um ator que se confunde com a história do Brasil", afirma Flávio Marinho. O autor e diretor destaca no texto o humor de Othon e sua disposição

“É um momento único, mesmo: meu primeiro monólogo e sobre a minha própria vida. Quero que vejam quem eu sou e como sou”

OTHON BASTOS

para rir de si mesmo.

A montagem, diz ele, nasceu de pesquisa minuciosa sobre acontecimentos decisivos da vida do artista, mas ganhou corpo para dialogar diretamente com o público.

Em cena, Othon contracenava com Marta Paret, apresentada como uma espécie de "ponto" que comenta suas falas. O ator associa a presença à ideia de uma memória em cena, comparando-a, com humor, a uma assistente virtual. "É um momento único, mesmo: meu primeiro monólogo e sobre a minha própria vida", diz Bastos. "Quero que elas vejam quem eu sou e como sou."

O repertório de memória inclui trabalhos no cinema e teatro. Othon participou de uma obra-prima do Cinema Novo, "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha, e esteve na peça "Um grito parado no ar", de Gianfrancesco Guarnieri, dois marcos de linguagens decisivas para o país. O espetáculo não se limita a citar esse currículo: transforma esses e outros momentos em pontos de reflexão sobre o trabalho de ator, a passagem do tempo e a permanência em atividade.

O ator recebeu merecidamente o Prêmio Shell de Melhor Ator em 2024 pelo trabalho; no 19º Prêmio APTR de Teatro, levou o troféu de Melhor Ator Protagonista, enquanto Marinho foi reconhecido como Melhor Autor e a Gávea Filmes como Melhor Produção de Teatro Não-Musical.

O espetáculo também aparece entre os premiados pelo Inspira Rio, pelo Arcanjo e pela Festa Internacional de Teatro de Angra. Prêmios não substituem a experiência de uma sessão, mas ajudam a explicar a continuidade de uma peça que não depende de efeitos de grande porte para conquistar o público.

SERVIÇO

NÃO ME ENTREGO, NÃO!

11 a 13/9, sexta (19h), sábado (18h) e domingo (17h): Imperator – Centro Cultural João Nogueira (Rua Dias da Cruz, 170, Méier) 18 e 19/9, sexta (19h) e sábado (18h): Teatro Arthur Azevedo (Rua Vitor Alves, 454, Campo Grande) Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

CORREIO CULTURAL



Reprodução Instagram

Elton John derramou-se em elogios a Gilberto Gil

Encontro de Elton John e Gil viraliza

O momento mais fofo do Rock in Rio viralizou nas redes. Trata-se do encontro entre Gilberto Gil e Elton John se encontraram nos bastidores do festival, após os dois se apresentarem na noite de segunda-feira (7). O registro do encontro foi publicado nas redes sociais do baiano.

“Você é uma lenda e um homem brilhante. Que lindo te conhecer. Eu me sinto ainda melhor por conhecê-lo”, dis-

se John a Gil. “Seja abençoado por toda a sua música maravilhosa”, acrescentou o cantor britânico. “Igual a você”, disse um emocionado Gil retribuindo o carinho. Na legenda da publicação em sua rede social completou dizendo: “Que ótimo ver você novamente, Elton John! Que show incrível. Espero que nossos caminhos se cruzem novamente em breve. Aquele abraço, Gil”.

Laura Pausini al mare

A forte ligação de Laura Pausini com o Brasil ganha mais um capítulo. A cantora italiana será a atração principal de um cruzeiro temático no Brasil em janeiro de 2027. A viagem, que acontecerá de 5 a 8 de janeiro, terá início no porto de Santos, em São Paulo, com paradas em Búzios e Angra dos Reis. Durante os quatro dias, Laura participará da programação do navio, que terá dois shows exclusivos e atividades voltadas aos fãs. A iniciativa também aproveita a relação construída pela cantora com o público brasileiro ao longo da carreira.

Mais Vik Muniz

Depois de receber mais de 300 mil visitantes no CCB RJ, a exposição “Vik Muniz - A Olho Nu” foi prorrogada até 12 de outubro. Com curadoria de Daniel Rangel, a mostra será integrada à programação da I Semana de Arte do Rio, que será realizada entre os dias 16 e 27 deste mês.

Mais Vik Muniz II

Maior retrospectiva já realizada sobre a obra de Vik, reconhecido por investigar os limites entre imagem, matéria e percepção. A exposição reúne trabalhos tridimensionais do início de sua trajetória, séries fotográficas emblemáticas que marcaram sua produção ao longo dos anos.

Márcio Garcia vai voltar à TV aberta

Longe das telinhas desde 2022, quando apresentou o The Voice Kids (Globo), Márcio Garcia prepara uma volta à televisão. O apresentador contou que anunciará em outubro um novo programa, desenvolvido em parceria com a Endemol para a TV aberta. O projeto ainda é mantido em segredo por questões contratuais.



Divulgação TV Globo

Pitty volta ao estúdio para se reencontrar

Um dia após lançar o novo trabalho, artista inicia turnê com datas confirmadas em dez cidades

AFFONSO NUNES

Sete anos depois de “Matriz”, Pitty anuncia para outubro seu sexto álbum de inéditas e diz ter recuperado a espontaneidade dos tempos em que compunha sozinha no quarto, em Salvador.

Neste intervalo a cantora circula por outros projetos e pelos palcos, mas também decidiu diminuir o ritmo e experimentar algo pouco comum numa carreira construída sob exposição permanente: parar. Dessa pausa nasceu “? PITY ?”, sexto álbum autoral da baiana, que chega às plataformas digitais em 16 de outubro, pela Deck. E, no dia seguinte, ela inicia a turnê de lançamento do disco com datas já confirmadas em dez cidades.

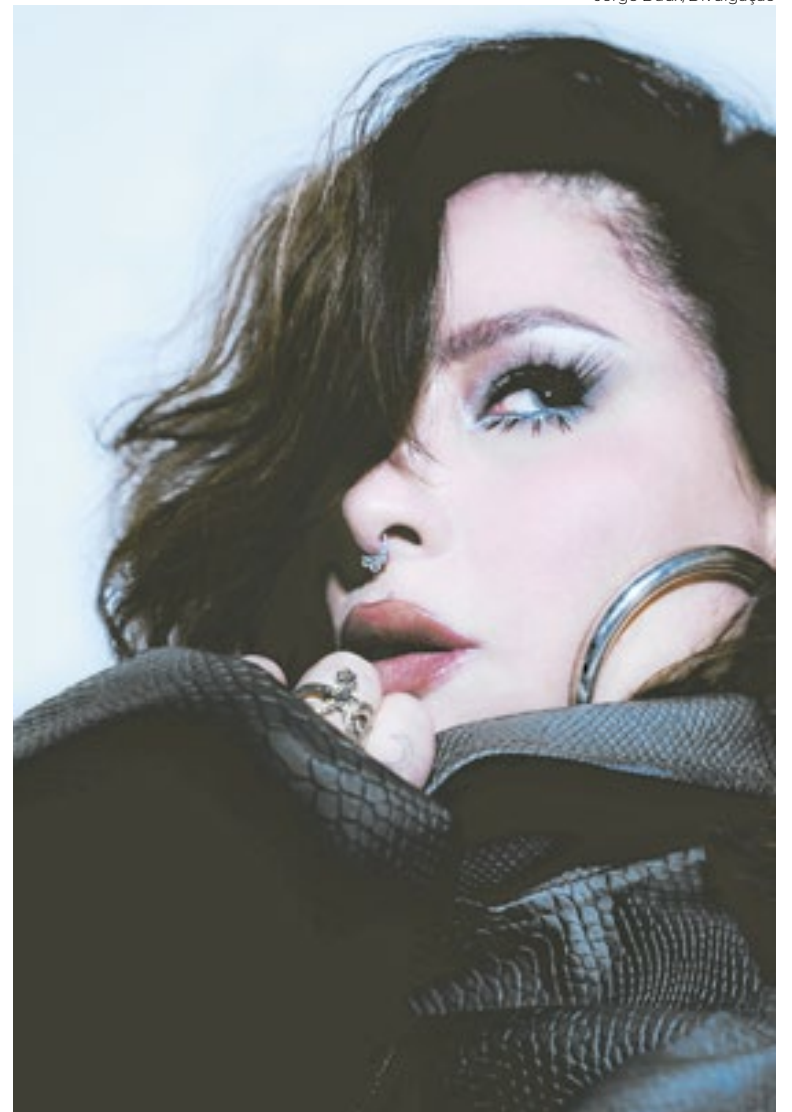
O título homônimo já indica o caráter pessoal do projeto. Pela primeira vez, Pitty batiza um álbum com o próprio nome, num trabalho em que assume não apenas letras, melodias e riffs, mas a direção geral, a coprodução musical e a concepção estética e narrativa.

Aos 48 anos e com mais de duas décadas de carreira desde a explosão nacional de “Admirável Chip Novo”, de 2003, a cantora descreve o momento quase como um recomeço.

“Tenho dito que estou fazendo o primeiro disco da minha vida, porque essa é a sensação. As coisas vêm na hora em que precisam vir. Depois de sete anos, surgiu um jeito novo de criar e eu me permiti seguir esse movimento sem tentar controlar o que estava acontecendo”, conta.

Depois de construir uma das trajetórias mais reconhecíveis do rock brasileiro deste século, Pitty procura a liberdade como se ainda fosse uma iniciante. O período longe da rotina intensa de shows abriu espaço para rever escolhas e, principalmente, voltar a compor sem a obrigação imediata de transformar as músicas em um álbum.

E foi assim que o novo repertório começou a aparecer, no fim de 2025. “Eu ainda não estava pensando em fazer um álbum. Mas veio um troço, a caneta começou a fritar, a caneta ferveu, e eu fui deixando. Me abri totalmente para aquilo que estava acontecendo. Esse disco se fez



Jorge Daux/Divulgação

Pitty conta que começou a compor o novo repertório sem qualquer filtro depois que a caneta ‘começou a ferver’

“Eu ainda não estava pensando em fazer um álbum. Mas veio um troço, a caneta começou a fritar, a caneta ferveu, e eu fui deixando. Me abri totalmente para aquilo que estava acontecendo”

PITY

e se impôs. Eu fui tomada por ele”, afirma.

O processo a levou de volta, simbolicamente, ao quarto em Salvador onde escrevia antes mesmo de “Admirável Chip Novo”. Nesses mais de 20 anos de experiências, Pitty conquistou uma posição peculiar na música brasileira. Surgiu num universo do rock ainda fortemente masculino e atravessou mudanças profundas no mercado fonográfico. Discos como “Anacrônico”, “Chiaroscuro”, “Setevidas” e “Matriz” registraram diferentes etapas desse percurso, enquanto canções como

“Máscara”, “Equalize”, “Admirável Chip Novo” e “Me Adora” permaneceram obrigatórias em todas as suas apresentações.

O intervalo desde “Matriz” foi o maior entre dois álbuns de inéditas de sua carreira. Por isso, “? PITY ?” carrega inevitavelmente a expectativa de revelar o que a pausa alterou em sua música. Por enquanto, a cantora prefere apresentar o disco aos poucos. O vídeo-manifesto divulgado há alguns dias abre esta nova etapa, cujos próximos movimentos ainda se farão revelat até 16 de outubro.

Uma celebração a um compositor de se tirar o chapéu

Verônica Ferriani e Alfredo Del-Penho se unem em homenagem à genial obra de Cartola, mesclando clássicos e obras menos conhecidas do grande sambista

AFFONSO NUNES

Verônica Ferriani e Alfredo Del-Penho se conheceram há duas décadas, em meio à cena musical carioca, e desde então cruzaram caminhos, palcos e afinidades, sempre sob a influência do samba e da canção popular. Nesta quinta-feira (10), às 20h30, no Dolores Club, no Centro, os dois levam essa cumplicidade para o show “Verônica Ferriani & Alfredo Del-Penho Cantam Cartola”, dedicado a um dos pilares da música brasileira.

A homenagem não se resume ao repertório mais conhecido do grande compositor. As obras-primas “O Mundo é um Moínho” e “As Rosas Não Falam”, inevitáveis quando se fala em Cartola, dividem a noite com canções menos visitadas, como “Basta de Clamores Inocência” e “Pedem Socorro”. A proposta é atravessar a obra

do compositor por suas várias dobras: o lirismo amoroso, a delicadeza melódica, o desalento e a inteligência de uma escrita que ainda ilumina a canção popular.

Verônica e Alfredo construíram trajetórias autônomas, mas próximas em seu diálogo com o samba. Ela, cantora de interpretação precisa e forte vínculo com a palavra; ele, compositor, violonista e homem de cena, com atuação decisiva na renovação do teatro musical e da música carioca. Ao reunirem seus recursos, transformam Cartola em terreno de conversa permanente.

Cartola é um autor que dispensa apresentação, mas nunca custa lembrar sua relevância na música brasileira. Nascido Angelino de Oliveira em 11 de outubro de 1908, Cartola esteve entre os fundadores da Estação Primeira de Mangueira, em 1928, escola para a qual compôs alguns de seus primeiros sambas.

Autor de melodias sofisticadas e versos marcados por lirismo, amor e melancolia, viveu longos períodos de afastamento do meio artístico. Nos anos 1960, ao lado da mulher, Zica, criou o Zicartola, restaurante no Centro do Rio que se tornou ponto de encontro entre sambistas históricos e uma nova geração de músicos e intelectuais. O reconhecimento como intérprete fonográfico veio tarde: Cartola só gravou seu primeiro LP solo aos 65 anos, em 1974. Sua voz contida e a elegância harmônica das composições consolidaram uma obra que atravessou gerações. Morreu seis anos depois de eternizar sua obra.



Verônica Ferriani e Alfredo Del-Penho

divulgação

SERVIÇO
VERÔNICA FERRIANI & ALFREDO DEL-PENHO CANTAM CARTOLA
Dolores Club (Rua do Lavradio, 10 - Centro)
10/9, às 20h30
Ingressos a partir de R\$ 40

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

A música que cura do duo Dois Sóis

O duo Dois Sóis, formado por Rebeca Durães e João Pedro, que há 11 anos constrói sua trajetória a partir da música como experiência de presença e conexão, traz o show de sua nova turnê ao Manouche nesta quinta (10), às 21h. Com uma proposta artística sensível e imersiva, o projeto une composição autoral, espiritualidade e influências da chamada música medicina.



Divulgação

Júlia Fialho mostra canções do seu 1º álbum

Acompanhada de quinteto, a cantora e compitora Júlia Fialho se apresenta nesta quinta (10), às 19h, no Centro da Música Carioca Artur da Távola. A artista vai mostrar o repertório de seu primeiro álbum, “Feito de Paixão e Boemia”, em show que homenageia o avô, o compositor portelense Renato Fialho, e percorre sambas autorais e referências formativas.



Divulgação

O samba experimental de Caxtrininho

Caxtrininho, cantor e compositor da Baixada Fluminense, é a atração desta quinta (10), às 19h, do projeto gratuito Quintas no BNDES com seu show “Queda Livre”. Guiado por seu violão percussivo e por composições de teor pop, estranhas e cheias de suingue e críticas sociais, o espetáculo reafirma o artista como uma voz potente da Baixada Fluminense, transformando o samba em espaço de experimentação.



Divulgação

Dez cantoras cantam o amor às coisas do Rio

Dez cantoras — entre elas Ana Tozatto (foto), Lúcia Sons e Selma Rios — celebram os recantos e a memória afetiva do Rio em repertório de clássicos brasileiros nesta quinta (10), às 19h30; no Teatro Rival Petrobras com o show “Rio, Vou Te Cantar”. Cada uma delas vai retratar, em cada canção, os principais recantos e encantos da Cidade Maravilhosa.



Divulgação

SÓ CARIOQUICES



por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Maracanã, o estádio do Brasil onde não há um 'muro' da vergonha

Alexandre Macieira/Riotur

Sábado à noite, Maracanã. O gol de Lucho Acosta ainda não tinha saído - viria no segundo tempo, para dar ao Fluminense o 1 a 0 sobre o Vasco -, e a câmera da TV, que vive garimpando rosto bonito na arquibancada, achou coisa melhor. Achou um casal.

Ele de tricolor, ela de cruzmaltino. Ele provocava, ela ria e devolvia na mesma moeda. Não sei o nome dos dois e nunca vou saber. Em três segundos de close estava ali a coisa mais bonita que esta cidade produz e teima em não enxergar.

Porque aquilo é raro. Raríssimo.

O Rio é a única cidade do Brasil com quatro clubes grandes. Porto Alegre tem dois. Belo Horizonte tem dois. São Paulo, capital econômica do país, tem três; o quarto grande do estado mora em Santos, a setenta quilômetros da capital. Aqui são quatro, dentro do mesmo mapa, dividindo o mesmo engarrafamento e, durante décadas, o mesmo endereço nos dias de jogo.

Mundo afora também não sobram exemplos. Buenos Aires tem mais clubes que nós, é verdade. Mas passou doze anos sem torcida visitante nos estádios, e a volta vem sendo feita a conta-gotas, jogo-teste por jogo-teste. O portenho aprendeu a ir à cancha só entre iguais. Nós, não.

Não vou bancar o ingênuo. Ti-vemos violência, e muita. Houve época em que subir a rampa do Maraca pedia coragem. O que veio depois foi trabalho duro e nada romântico: portões separados, câmeras, biometria, policiamento especializado, setor próprio para o visitante. Não ficou perfeito. Ficou bom.

O que restou de bárbaro mudou de endereço. As brigas que às vezes ainda envergonham o futebol carioca são combinadas por aplicativo, em estrada, em rua vazia, longe de câmera e longe de criança. É covardia com hora marcada e não tem nada a ver com arquibancada. No Maracanã e



Sei que exige planejamento e antecedência, que o calendário brasileiro é um monstro e que datas se atropelam. Mas vascaínos e botafoguenses vêm perdendo o elo com o estádio

no seu entorno, em regra, os dias transcorrem em paz.

O resultado está à vista de quem quiser ver: mulher, criança, idoso, família inteira dividindo espaço num clássico. Isso não caiu do céu.

E não foi coincidência que,

poucas horas antes de Fluminense e Vasco, o Ministério Público lançasse no próprio Maracanã o "Pacto das Torcidas", reunindo as organizadas dos quatro grandes. Antes da bola rolar, representantes de tricolores e cruzmaltinos entraram juntos no gramado com a faixa da campanha. O recado cabe numa linha: respeito garante nosso lugar na arquibancada. A rivalidade é do jogo. A violência, não.

Há nisso algo profundamente carioca. O sujeito daqui xinga o juiz, promete o inferno ao rival, e no fim do segundo tempo está dividindo a saideira com o inimigo num boteco da Radial Oeste. A cidade que inventou a praia sem cerca inventou também a arquibancada sem muro moral. Rivalidade nossa tem prazo de validade: noventa minutos, mais acréscimos.

Vale lembrar que o estádio se chama Jornalista Mário Filho. Foi ele quem transformou o clássico carioca em festa popular, quem entendeu antes de todo mundo que o futebol aqui não era só resultado, era convivência. E o Maracanã é amado como é porque

quatro clubes escreveram sua história ali dentro. Quatro, não dois.

Faz tempo, porém, que o Maracanã virou casa da dupla Fla-Flu. Não por golpe: o consórcio dos dois venceu a licitação e assinou concessão de vinte anos com o governo do estado - e o Vasco, que disputou aquele edital ao lado da WTorre, ficou pelo caminho. Está tudo dentro da lei.

Só que contrato não esgota o assunto. Escrevo isto como flamenguista, e peço à concessionária e ao governo do estado que revejam a possibilidade de Vasco e Botafogo voltarem a pisar mais no Maracanã. Sei que exige planejamento e antecedência, que o calendário brasileiro é um monstro e que datas se atropelam. Mas vascaínos e botafoguenses vêm perdendo o elo com o estádio. E isso é prejuízo da cidade inteira, não só deles.

Um estádio onde um namorado tricolor pode provocar a namorada vascaína por noventa minutos, e os dois voltarem pra casa juntos, é patrimônio.

Cuidemos dele. Valorizemos isso.